

## **A ESTILÍSTICA APLICADA A POEMAS COMO ESTRATÉGIA DE LEITURA**

Jardeni Azevedo Francisco JADEL

Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)

[jardeni@escolaep.com.br](mailto:jardeni@escolaep.com.br)

### **Resumo:**

Neste artigo, buscamos evidenciar a importância da estilística para melhor apreciação de um texto literário e, conseqüentemente, formação de um leitor crítico-reflexivo. Foram selecionados, para análise, poemas do livro *Classificados Poéticos*, da autora contemporânea Roseana Murray, pela forma lúdica como foram escritos, no formato de um gênero textual do nosso cotidiano – o anúncio classificado -, aproximando arte e realidade. Sabemos que ainda é comum, nas salas de aula, atividades de leitura restritas a exercícios mecânicos e descontextualizados de decodificação, nas quais o texto é utilizado simplesmente como um pretexto para a análise gramatical e o aluno é mero receptor diante de uma interpretação unilateral conduzida pelo professor. Pretendemos mostrar que, para a compreensão dos enunciados, é preciso identificar os elementos estilísticos que foram utilizados na criação, além de considerar o universo discursivo em que eles se encontram. Só assim pode-se ir além da conduta cômoda (e superficial) da passividade leitora nos bancos escolares.

**Palavras-chave:** Estilística; leitura; gênero textual; *Classificados poéticos*.

## INTRODUÇÃO

Numa primeira visão, o ato de ler pode ser entendido como decifrar o escrito, apenas compreender o que os sinais gráficos e as letras representam. Por essa concepção, qualquer um que soubesse ler e conhecesse o que as palavras significam estaria apto a entender o texto, ignorando o fato de que muitos dos sentidos que apreendemos ao ler derivam de operações cognitivas e afetivas para produzir inferências capazes de *desvendar* o que está nos intervalos entre as palavras.

A utilização de textos literários como material para as aulas de gramática é uma prática comum nas escolas, mas o sucesso das atividades desenvolvidas em sala de aula ainda é ponto de discussão. Embora o valor da leitura seja inquestionável, é fato que essa atividade envolve alguns obstáculos para a sua prática. Fórmulas prontas - as famosas *receitas* - limitam a criatividade para encontrar estratégias que estimulem o interesse pela leitura. Muitas vezes, a literatura apresentada aos alunos - jovens e crianças - não é algo atraente, sendo utilizada somente como pretexto para o desenvolvimento de atividades:

*[...] a literatura ora aparece como pretexto para abordagens temáticas, ora para o ensino de regras, sugestões de redações ou outros pretextos. A leitura literária, em si prazerosa, que nos convida a viajar, a conhecer o mundo a partir da imaginação é, de fato, pouco ou nada trabalhada* (PINHEIRO, 2000, Contracapa)

Sabemos que um texto é um objeto feito de palavras organizadas, segundo regras e estratégias, para expressar algum significado pretendido pelo seu enunciador. É preciso salientar, porém, que essa *pretensão* não preexiste ao texto, pois o significado é parte do evento discursivo que envolve o produtor e o seu destinatário. A entoação, a escolha das palavras, cada construção empregada realiza a significação, completando e justificando o processo comunicativo.

A partir de uma abordagem estilística literária, serão analisados três poemas extraídos do livro *Classificados poéticos*, da escritora Roseana Murray, como sugestão de trabalho para a formação de um aluno-leitor proficiente. Para alcançar nosso objetivo, o trabalho foi dividido em três partes, além desta introdução e das considerações finais.

A primeira parte apresentará, numa abordagem mais ampla, proposições dos principais teóricos e gramáticos sobre o estilo e a estilística. A segunda parte delimitará o contexto em

que estão inseridos os textos selecionados, caracterizando o gênero textual e a autora. A última parte é dedicada à análise estilística dos textos.

## 1 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### 1.1 Sobre estilística e estilo

A estilística é uma ciência muito recente – fundada no século XX pelo suíço Charles Bally e o alemão Karl Vossler - mas um saber muito antigo, que remonta à tradicional retórica dos gregos. Tendo em comum o estudo da expressividade, distinguem-se, contudo, por seus objetivos: a retórica era uma doutrina com finalidade pragmática-prescritiva, enquanto a estilística, como ciência, apresenta um caráter mais descritivo-interpretativo.

Segundo Guiraud (1970, p. 11), “estilística é a disciplina que estuda a expressividade duma língua e a sua capacidade de emocionar mediante o estilo”. Estilo, de caráter individual, é, como nos ensina Silvio Elia (1978, p. 76), “o máximo de efeito expressivo que se consegue obter dentro das possibilidades da língua”.

O termo estilo provém do latim *stillus* (séc.XIV) e quer dizer “qualquer objeto em forma de haste pontiaguda, ponteiro de ferro para escrever sobre tabuinhas enceradas”, definição que reúne as informações de duas obras homônimas, o *Dicionário Etimológico da Língua Portuguesa*, de J.P. Machado (1977), e o de A. Nascentes (1955).

De instrumento, passou a significar, por um processo metonímico, a própria escrita e, depois, a linguagem considerada em relação ao que ela tem de característico. Na expansão de seu campo de significação, passou a representar qualquer conjunto de tendências e características formais, estéticas, que identificam ou distinguem um escritor, um artista, uma obra, ou determinado período ou movimento.

Para definir estilo, Câmara (2004, p.8-11) parte de duas premissas: a dicotomia saussuriana *langue* (social) e *parole* (individual) e as três funções básicas da linguagem propostas por Bühler<sup>1</sup>. A essência do estilo é, portanto, um conjunto de processos que fazem das nossas representações um meio de exteriorização psíquica ou um apelo por meio da linguagem e, sendo assim, a base da estilística “é o balanço dos processos expressivos, em geral, de uma língua, independentemente dos indivíduos que dela se servem” (CÂMARA, 2004, p.24).

---

<sup>1</sup> As três funções primordiais da linguagem são, segundo o alemão Karl Bühler: representação, expressão e apelo, e correspondem, respectivamente, às faculdades de inteligência, sensibilidade e desejo ou vontade.

Podemos afirmar, assim, que a estilística, ao lado de um sistema intelectual, é um sistema de expressividade que nele se insinua e com ele funciona. É o complemento da exposição gramatical, desdobrando-se no exame dos sons, das significações e das ordenações formais. Para Câmara (2004, p.25), a estilística é “a ciência da linguagem expressiva, independentemente do âmbito particular em que a expressividade funciona”.

É preciso levar em conta, portanto, que o escritor, ao elaborar um texto, acaba criando outra realidade – a realidade artística, que não pode ser analisada como se o leitor estivesse diante do seu mundo real. Sobre a questão, Câmara (2004, p. 110) afirma que a

*Estilística- disciplina linguística que estuda a expressão em seu sentido estrito de expressividade da linguagem, isto é, a sua capacidade de emocionar, e sugestionar. Distingue-se, portanto, da gramática, que estuda as formas linguísticas na sua função de estabelecerem a compreensão linguística.*

É nesse contexto que a estilística ganha espaço para estudar os fenômenos linguísticos, considerando a maneira pessoal que o indivíduo tem de lidar com o seu código linguístico, seja ela descritiva, literária ou estilística do discurso.

Cabe à estilística descritiva ou linguística o estudo dos aspectos afetivos da língua, os quais estão à disposição do indivíduo de forma dinâmica. Para cumprir tal função, ela “procura parceria com todos os componentes linguísticos do texto, desde os fonemas, que constroem os morfemas e as palavras até os períodos e parágrafos que constroem a totalidade do texto” (HENRIQUES, 2011, p.56).

Já a estilística literária ou idealista propõe-se a resgatar o princípio da poética enfrentando os desafios existentes entre a forma e o conteúdo. Ela se preocupa em analisar a complexidade emotiva do autor e seus efeitos no leitor. Para desvendar os mistérios da criação, a estilística literária interage com a estilística linguística, uma vez que “ela está impregnada do próprio prazer do autor ao criá-la e isso vai suscitar no leitor um prazer correspondente” (idem, p.65). A esse respeito, Henriques (ibidem, p.68) ainda diz “A estilística literária desvencilha-se da linguística e assume um aspecto quase genético, propondo-se a recuperar a gênese, a criação poética, convivendo desafiadoramente entre forma e conteúdo, materiais e estrutura”.

Por sua vez, a estilística do discurso parte do pressuposto de que, se o falante pode desenvolver um saber elocutivo para ampliar sua competência para falar e, para tal, deve

dominar o mínimo necessário de seu código linguístico, não pode deixar de buscar a competência em falar sua língua em situações diversificadas ou em contextos determinados.

Dessa forma, fica mais fácil perceber a relação entre estilística e gramática. Enquanto aquela estuda a língua emotiva, esta estuda a intelectiva. Elas não são antagônicas, pelo contrário, conforme afirma Câmara (2004, p.14) “A estilística vem complementar a gramática”.

A estilística, portanto, oferece os meios para que possamos interpretar e usar, de forma mais produtiva, os múltiplos recursos que a língua nos oferece, contribuindo para a interpretação textual mais ampla. A análise estilística permite aos alunos compreender de que maneira esses usos são construídos e quais sentidos vão provocar na constituição do texto.

É necessário compreender, contudo, que os valores estéticos da linguagem são realçados em função de certos procedimentos de organização da matéria verbal que os caracterizam. Esses procedimentos são denominados recursos estilísticos (ou traços estilísticos) e se observam em todos os planos e níveis da arquitetura da língua. O que quer que um texto nos comunique é produto de uma construção que mobiliza a palavra em todos os seus aspectos: classe, significado, forma, sonoridade.

Segundo Câmara (2004, p. 29), “os traços estilísticos revelam estados da alma e impulsos da vontade, latentes na enunciação da palavra, e, nesta base, uma palavra única, no prisma representativo, apresenta-se como duas ou mais enunciações”.

Guiraud (1970) concebe, então, as figuras de linguagem como recursos expressivos de afetividade linguística, que registram maneiras de falar ou redigir diferenciadas, com o intuito de dar relevância por meio de expressões mais *vivas*, ou ainda, de dar ao texto certo grau de literariedade, no que tange à valorização da atribuição estética da palavra.

É fato que, por muito tempo, conforme alerta Guiraud (1970), confundiu-se a estilística com a parte da gramática que estuda as figuras, resultando numa abordagem restrita e inadequada da ciência da expressão. Esse equívoco, de uma forma geral, provocou o desinteresse dos alunos, que ficavam limitados a uma coletânea de características previamente definidas com o objetivo de identificar determinado autor ou estilo literário.

Deixando um pouco de lado a discussão sobre a delimitação do campo de atuação, é preciso desfazer os equívocos que acompanham o tema caracterizando melhor o conceito de expressividade, afirmando que a estilística é imprescindível para a captação dos efeitos de sentido que emanam do movimento e da inter-relação de estruturas e processos significantes na atividade discursiva.

## 1.2. Áreas da estilística

Henriques (2011, p.93) afirma que “Estilística é parte indispensável nos estudos do português e é preciso examinar seus vínculos com o léxico, com a sintaxe, a morfologia, a fonética e a fonologia. Daí, falarmos em estilística fônica, em estilística lexical, em estilística sintática e em estilística da enunciação”.

### 1.2.1 Estilística fônica

Ao afirmar que os valores estilísticos podem ter uma natureza sonora e se expressam tanto no âmbito da palavra como dos enunciados, Henriques (2011, p.98) esclarece que “À **estilística fônica** importam a expressividade e impressividade do ritmo, da elocução e do material sonoro empregado no texto”. Câmara (2004, p.29) afirma ser natural que a estilística fônica aproveite os traços fonéticos que não estão sistematicamente utilizados nas oposições e correlações dos fonemas e dos grupos fonêmicos.

### 1.2.2 Estilística léxica

Cabe à **estilística léxica**, segundo Martins (2012, p.97), estudar “os aspectos expressivos das palavras ligados aos seus componentes semânticos e morfológicos, os quais, entretanto, não podem ser completamente separados dos aspectos sintáticos e contextuais”.

É preciso considerar que o caráter difuso de muitos significados permite certa liberdade em entendê-los e que as sensações que as coisas despertam não são iguais para todos os indivíduos, conforme afirma Câmara (2004, p.10) “a palavra tem um significado intelectual, em que se apoia a função representativa da linguagem [...] um valor representativo desses nem sempre é bem delimitado e nítido”, e justifica

*[...] pois as palavras da língua, com os seus significados, não resultam de um raciocínio homogêneo e consciente sobre o mundo das coisas, mas de uma atividade de inteligência intuitiva, procurando consubstanciar experiências parceladas, sem a visão de um conjunto.*

Uma conclusão da estilística léxica apresentada por Mattoso (2004, p. 49) é a de que há uma tonalidade afetiva para as palavras decorrente de uma natureza mais ou menos convencional atribuída às coisas significadas.

### 1.2.3 Estilística Sintática

Partindo da afirmativa “O texto é a unidade maior de funcionamento da língua” (HALLIDAY, 1994, p.142), Henriques (2011, p.113) enfatiza que “uma frase não é um conglomerado de palavras e que um texto não é um aglomerado de frases”. Não se pode ignorar, portanto, que a decisão sobre o modo de se construir uma frase pode revelar um valor expressivo para o que se pretende comunicar. Essas combinações são potencialmente expressivas e interessam à **estilística sintática**.

Segundo Câmara (2004, p. 64), a escolha na ordem sintática não é necessariamente um fenômeno estilístico, mas favorece a intromissão do recurso expressivo que resulta numa estilística da frase, colaborando com a estilística fônica e a léxica na atividade humana.

### 1.2.4 Estilística da enunciação

“Enunciação é um ato de comunicação verbal”, afirma Martins (2012, p.233), e o produto desse ato é o **enunciado**, que é a sequência de palavras de uma língua emitida por um falante. Ele é individual e por isso estabelece uma relação indissociável com o estilo, refletindo, nos textos, os traços, gostos e preferências de quem fala ou escreve. Interessa à **estilística da enunciação** o processo de construção do enunciado.

## 2 O CONTEXTO E A AUTORA

### 2.1 Considerações sobre gênero textual

Por serem considerados produtos das atividades humanas, os textos estão associados às necessidades, aos interesses e às condições de funcionamento das formações sociais, que são diversas e evoluem com o curso da história, exigindo diferentes modos de configurações.

O trabalho com gêneros de discurso no ensino de Língua Portuguesa é relativamente recente e, no Brasil, foi impulsionado especialmente no final da década de 90, pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) em que se afirma

*[...] é necessário contemplar nas atividades de ensino a diversidade de textos e gêneros, [...] não apenas em função de sua relevância social, mas também pelo fato de que textos pertencentes a diferentes gêneros são organizados de diferentes formas (BRASIL, 1998, p. 23).*

Bakhtin (1992) inicia seu estudo sobre os gêneros de discurso, observando que todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua e que por isso é natural que toda essa atividade se efetive através de enunciados orais e escritos “concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou outra esfera da atividade humana ” (BAKHTIN 1992, p.279).

Essa afirmação vem ao encontro das ideias de Bazerman (1997, p.19) resumidas na seguinte afirmação:

*Gêneros não são apenas formas. Gêneros são formas de vida, são modos de ser. São frames para a ação social. São lugares nos quais o sentido é construído. São ambientes para a aprendizagem. Os gêneros moldam os pensamentos e as comunicações através das quais interagimos.*

Podemos entender que os gêneros resultam de processos sociais, vivenciados por pessoas que procuram compartilhar significados com propósitos práticos por meio da linguagem e por isso acompanham as mudanças ocorridas na sociedade, isto é, o surgimento de novas formas de interação social acarreta a criação de novos gêneros - ou variação dos já existentes.

Assim, os gêneros não são entidades abstratas, mas concretas e fundadas pela historicidade. Também não se resumem à forma, pois isso remeteria a uma simplificação linguístico-textual que deixaria de lado o componente discursivo. Os gêneros são correlacionados às esferas de atividades e de comunicação humanas e às situações de interação em cada uma dessas esferas, pois é a partir delas que atendem às suas funções discursivo-ideológicas.

Para Marcuschi (2005, p. 35) “o trabalho com gêneros textuais é uma extraordinária oportunidade de se lidar com a língua em seus mais diversos usos autênticos no dia a dia, pois nada do que fizermos linguisticamente estará fora de ser feito em algum gênero”.

Convém afirmar que o trabalho com a leitura, compreensão e a produção escrita em língua materna deve ter como meta primordial o desenvolvimento no aluno de habilidades que façam com que ele tenha capacidade de usar um número sempre maior de recursos da língua para produzir efeitos de sentido, de forma adequada, a cada situação específica de interação humana.

### 2.1.1 Anúncio classificado: um gênero de persuasão

Considerando que os gêneros textuais representam as diversas situações sócio-comunicativas que perpassam nosso cotidiano, eis que vamos nos referir a um deles, com o qual mantemos bastante familiaridade – o anúncio classificado.

Geralmente veiculado pelos meios de comunicação escrita, representados pelos jornais e revistas, o anúncio apresenta uma característica que lhe é intrínseca, a persuasão. Tem como finalidade discursiva divulgar algo, persuadindo o interlocutor com vistas a satisfazer tal pretensão. Possui uma finalidade discursiva, assim como os demais gêneros, revelada pela intenção de vender, trocar, alugar, ofertar, buscar, entre outras.

O anúncio caracteriza-se por um estilo de comunicação que exige linguagem clara, concisa e objetiva. O seu maior desafio comunicativo é ser eficiente utilizando poucas palavras, pois quanto mais se escreve, mais se paga para anunciar. Geralmente, costuma ser separado por categoria, daí a denominação *classificados*, até mesmo por uma questão de estética e organização, como também para facilitar o contato por parte do interlocutor.

O anúncio classificado pode ser um dos materiais que os professores devem dispor em suas atividades de sala de aula para oportunizar meios de acesso às inúmeras culturas enredadas por práticas sociais e linguísticas específicas. Nessa perspectiva, estamos diante de um gênero que torna a análise instigante, sobretudo porque trabalha com as múltiplas formas de emprego da linguagem e, ao mesmo tempo, nos remete a algo real, que faz parte do cotidiano. O efeito estilístico resulta, neste caso, da singularidade e da escolha diante das possibilidades oferecidas pelo sistema.

## 2.2 A autora e o livro

É importante que os alunos saibam que a carioca Roseana Murray, nascida em 1950, já tem mais de sessenta obras publicadas e não para de escrever. Seu livro *Classificados Poéticos* recebeu a Menção de Altamente Recomendável para Crianças. Murray é uma das principais autoras contemporâneas de poesia infantil e na contracapa do livro *Manual da Delicadeza* (2001) o poeta Ferreira Gullar faz uma belíssima apresentação de seu trabalho: "A poesia de Roseana Murray é feita de transparências e delicadezas como se ela falasse para mostrar o silêncio. E assim a linguagem alcança a condição de pluma ou porcelana".

Ao utilizar palavras comuns, que fazem parte do cotidiano, a autora consegue aproximar-se do leitor, envolvendo-o a partir dos efeitos estilísticos refletidos em seus versos. São construções simples, mas profundas, capazes de cativar a imaginação de qualquer pessoa. Ao ser exposto a obras como a de Roseana Murray, o leitor tem a possibilidade de

reorganizar-se e olhar para o mundo de forma mais sensível. É a literatura colocando o ser humano em contato consigo próprio através da poesia, pois, segundo Bakhtin (2002, p.95) “A palavra está sempre carregada de um conteúdo ou de um sentido ideológico ou vivencial. É assim que compreendemos as palavras e somente reagimos àquelas que despertam em nós ressonâncias ideológicas ou concernentes à vida”.

Por isso as obras dessa autora são um convite ao estudo linguístico. Suas criações merecem ser analisadas pela sua natureza subjetiva, pela linguagem literária que explora o lúdico, imprimindo um caráter afetivo nas construções, considerando-as como unidades estilísticas, atendendo a uma necessidade imediata de conseguir um efeito singular, a partir do que chamamos de *licença poética*. Seus textos sugerem uma nova maneira de ver o mundo, provocando no leitor uma identificação com o seu fazer poético. Segundo Guilbert (1975, p. 41), a criação baseada na expressividade “é própria de todos aqueles que têm alguma coisa a dizer e querem usar, para isso, suas próprias palavras, combinando-as”.

O livro *Classificados poéticos* foi publicado, em 1984, pela Editora Miguilim. A autora diz que o livro nasceu de uma ideia bem simples – foi construído a partir de classificados de jornal e propõe a troca de sentimentos ou estilo de vida.

Nessa obra, a arte literária vem ao encontro da necessidade humana de ficção. Nas palavras de Antônio Cândido (1995, p. 98)

*A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, pois ao dar forma aos sentimentos e à visão do mundo, ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza.*

### 3 CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Os textos selecionados foram escolhidos com o objetivo de explorar as possibilidades de abordagem estilística, a fim de contribuir para o trabalho do professor em sala de aula, provocando uma reflexão sobre as práticas de leitura.

O *corpus* deste trabalho é formado por três poemas extraídos do livro *Classificados poéticos*, de Roseana Murray. Foram selecionados textos que apresentam, na elaboração de sua oferta, o verbo *trocar*, sempre utilizado na perspectiva de mudar um comportamento, apresentando a substituição como um *produto* melhor. Outra característica presente nos

textos escolhidos é a pouca presença de sinais de pontuação, sugerindo movimento, agilidade, ritmo e continuação de ideias.

Nos poemas, a autora faz um paralelo entre o classificado comum e o poético, conservando a estrutura original, com alteração nos produtos, bens ou serviços substituídos por sentimentos ou objetos transformados pelo caráter poético do texto. A oferta e a procura surpreendem o leitor não apenas pelo inusitado e belo contraste entre a linguagem informativa e a linguagem poética, mas também pela estranheza dos objetos oferecidos.

A interpretação do que é exposto é mais complexo e mais significativo do que aparenta à primeira leitura. O efeito desses poemas se dá, exatamente, na colocação das frases feitas nos anúncios, que preparam o leitor para a previsibilidade do que é comum que se anuncie, mas que, ao invés de confirmarem suas expectativas, subvertem o esperado, oferecendo imagens feitas de sonho e poesia.

#### **4 ANÁLISE DOS TEXTOS SELECIONADOS**

É importante que o professor questione o aluno sobre o gênero textual ao qual pertence o poema, evidenciando as suas características e levando-o à comparação com outros gêneros. Essa atividade deve ser realizada antes da leitura, com a função de criar expectativas e motivar os alunos, despertando a curiosidade sobre o conteúdo e a forma do poema: levando em conta as predições<sup>2</sup> (KLEIMAN, 2004, p.51) ou “o conhecimento prévio dos alunos com relação ao texto em questão” (SOLÉ, 1998, p. 91).

##### **Texto 1**

##### **Troco um fusca branco**

por um cavalo cor de vento

um cavalo mais veloz que o pensamento.

Quero que ele me leve para bem longe

e que galope ao deus-dará

que já me cansei desse engarrafamento...

---

<sup>2</sup> Segundo Kleiman, na busca pela compreensão, o leitor proficiente também faz predições em relação ao texto, baseadas em seu conhecimento prévio, tanto sobre o assunto – conhecimento enciclopédico ou de mundo - quanto sobre o autor e as condições de produção em geral – conhecimento social, cultural e pragmático – e o gênero – conhecimento textual.

O uso da primeira pessoa marca a subjetividade afetiva que se prende ao fato de a autora mostrar-se emocionalmente envolvida no conteúdo do enunciado. O uso das formas verbais *troco* e *quero* revela, não somente, a oferta para substituição de um meio de transporte (fusca) por outro (cavalo), mas o seu desejo explícito de fugir dali, afastando-se do problema, sem se importar com o destino: a essência é a mudança.

Para isso, ela anuncia o produto que quer se desfazer (fusca) e manifesta o seu objeto do desejo (cavalo cor de vento), que ultrapassa a condição de meio de transporte, mas que representa uma alteração no processo da viagem: não é mais ela quem conduzirá, é ele (o cavalo) que tem o poder de levá-la para bem longe. É uma proposta inusitada de troca que contrasta o que é banal (fusca branco) e o que é extraordinário (cavalo cor de vento).

Para caracterizar o elemento cavalo a autora escolhe palavras como *cor de vento* e *veloz*. *Vento* não se trata de uma cor a ser percebida pelos olhos, mas sugere a possibilidade de voar, ratificada pela combinação com a palavra *veloz*.

A identificação das cores dos veículos envolvidos *branco* e *cor de vento* envolve registros sensoriais diferentes (sinestesia): *branco* está ligado ao visual e *vento* associado à sensação tátil. Essa fuga ao rigor lógico da previsibilidade promove associações semânticas surpreendentes que só são compreendidas à luz da sensibilidade. Seu tom e seu propósito são eminentemente psíquicos e o seu efeito é essencialmente poético.

O exagero de expressão *mais veloz que o pensamento* é uma figura que pretende projetar nossas expectativas mais desmesuradas. A expressão exagerada (hipérbole) amplia o ponto de vista sobre a matéria apresentada, revelando o juízo passional da autora sobre o fato.

A repetição da palavra *cavalo* foge à característica do anúncio comum, mas torna-se, no texto, um recurso para marcar o elemento principal: o veículo a ser substituído, o seu produto de troca que viabilizará, na sua imaginação, a fuga desejada.

Outro aspecto interessante é a sonoridade de caráter contínuo do *v* nas palavras *vento* e *veloz*, dando-nos a sensação de uma corrente de ar que passa forte. Essa evocação sonora sugerida pelos fonemas pode ser explorada estilisticamente nas aulas de português.

O último verso anuncia o problema, o motivo da insatisfação da autora, num desabafo, na expectativa de situar quem está lendo, no seu espaço concreto. O uso de reticências ao final do poema marca a suspensão do pensamento que permite ao leitor imaginar a dimensão de sua extensão, um longo e interminável engarrafamento. Segundo Martins (2012, p.87), “os sinais de pontuação ajudam a reconstituir a entoação que o autor pode ter pretendido para o seu texto”.

## Texto 2

### Troca-se um homem aranha de mentira

por uma aranha de verdade.

Uma aranha competente  
que teça belas teias transparentes,  
que pegue moscas, mosquitos  
e não entenda nada de bandidos.

Uma aranha que seja  
uma aranha simplesmente.

A escolha da autora na forma verbal *troca-se* afasta o caráter emotivo em relação ao *produto* de troca. Percebe-se que a noção de pertencimento do eu-poético não acontece. A função semântico-estilística da voz passiva na construção do texto possibilita diferentes efeitos de sentido advindo desse recurso linguístico. É uma forma para representar um processo em que se menciona o paciente tirando o foco do agente: valoriza-se mais o processo que o próprio agente, omitindo o sujeito.

O primeiro verso remete o leitor a outro (con)texto: um herói das telas e histórias em quadrinho, trazendo à tona o conceito de intertextualidade que, segundo Martins (2012, p. 237), é um “assunto muito importante de que se vem ocupando a linguística/estilística da enunciação. Koch(2003, p. 59), afirma que

*[...] todo texto é um objeto heterogêneo, que revela uma relação radical de seu interior com seu exterior; e, desse exterior, evidentemente, fazem parte outros textos que lhe dão origem, que o predeterminam, com os quais dialoga, que retoma, a que alude, ou a que se opõe.*

O termo intertextualidade provém dos estudos da crítica literária francesa Julia Kristeva, que introduziu o conceito na década de 60, a partir dos postulados bakhtinianos. Assim, tem-se como princípio que a retomada de um texto em outro revela como a textualidade faz-se enquanto processo, pois a intertextualidade é um elemento que, nas palavras de Koch, Bentes e Cavalcante (2008, p. 9-10), demonstra

*[...] essa necessária presença do outro naquilo que dizemos (escrevemos) ou ouvimos (lemos), procurando dar conta das duas facetas desse fenômeno: a*

*intertextualidade em sentido amplo (lato sensu), constitutiva de todo e qualquer discurso, e a intertextualidade stricto sensu, atestada pela presença necessária de um intertexto.*

A autora utiliza a figura do super-herói da TV apelando para a imaginação do leitor, remetendo-o para o jogo entre o real e a fantasia, construindo, assim, novas possibilidades de descobertas. Sem perder o foco, ela brinca com a antítese *verdade/mentira*, explorando a oposição entre duas ideias, valorizando as características dos dois elementos através da contraposição simétrica das palavras, para dar relevo a uma noção de contrariedade que se manifesta no espírito da enunciadora.

A intenção de persuadir o leitor com o *produto* a ser trocado fica mais evidente quando ocorre a adjetivação da *aranha de verdade*. Ela é *competente* e tece *belas teias transparentes*. Os adjetivos são carregados de afetividade e exprimem julgamento pessoal, atribuindo qualidades valorizadoras que atuam como poder diferenciativo. Por outro lado, o produto a ser trocado traz o rótulo de *mentira*, associado à existência de *bandidos* – elemento de valor pejorativo, depreciativo.

Numa tentativa de resgatar a autenticidade de uma aranha de verdade, contrapondo-a ao personagem fictício do herói divulgado nas telas, a autora revela a sua verdadeira função: pegar moscas e mosquitos. Esse resgate é reforçado no último verso com o uso do advérbio *simplesmente* que, posposto ao substantivo aranha, exerce um duplo papel: indicar o modo e a qualidade da simplicidade de ser uma aranha.

O artigo indefinido foi bem valorizado neste poema e tem forte valor estilístico ao acompanhar o substantivo aranha. Como afirma M. Rodrigues Lapa (1991, p.91) “A capacidade estilística do artigo indefinido está na imprecisão que dá às representações. Serve para traduzir a imprecisão e o mistério”. Ele também afirma que “a indeterminação e o mistério vão quase sempre acompanhados de movimento de sensibilidade”.

Dentro do nível fônico temos de considerar os recursos estilísticos que não são propriamente figuras de estilo, como é o caso da rima utilizada no texto para imprimir um ritmo poético pelo uso coincidente dos sons no final das palavras *competente*, *transparentes* e *simplesmente*; e *mosquitos* e *bandidos*. A rima foi empregada como recurso estilístico com a função expressiva de agradar o ouvido pela repetição de sons em determinados intervalos, realçando as ideias contidas nas palavras em que ocorre. Segundo Câmara (2004, p. 45),

*É a motivação sonora que especialmente justifica do ponto de vista estilístico a rima. O poeta se fixa, para ela, nos sons que a sua intenção poética condiciona, ou num vocábulo que é praticamente evocado pelos sons que encerra.*

O termo *uma aranha* ocorre cinco vezes no decorrer do texto. Essa repetição – que não é comum no gênero classificados – deve ser reconhecida como recurso de modalização que mobiliza o movimento do enunciador com a matéria anunciada. Esse recurso estilístico, além de chamar atenção do receptor da mensagem pelo artifício da repetição em si, acrescenta a ela um sentido suplementar de ênfase.

### **Texto 3**

#### **Colecionador de cheiros troca**

Um cheiro de cidade  
Por um cheiro de neblina  
Um cheiro de gasolina  
Por um cheiro de chuva fina  
Um cheiro de cimento  
Por um cheiro de orvalho no vento.

Esse poema remete a um anunciador externo, uma terceira pessoa do discurso. A autora revela um sujeito, anulando o seu envolvimento pessoal, mas adota uma forma genérica (coleccionador de cheiros) permitindo que o leitor se identifique com as situações expostas, uma vez que tratam de questões cotidianas que sugerem a substituição de cheiros da cidade por cheiros do campo. A ausência do artigo corrobora para essa *neutralização* do sujeito.

É possível perceber nas entrelinhas uma crítica sutil aos elementos do cotidiano das cidades, como a urbanização excessiva que destrói áreas da natureza e os produtos industrializados que impregnam o ar. O poema possui uma estrutura bastante simples e clara: trata-se de um jogo de versos alternados e rimados entre si. Propõe-se, no decorrer do texto, a troca de um cheiro A (elemento do cotidiano da cidade) por um cheiro de B (elemento da natureza). Percebe-se o gosto pela rima toante que combina com o tom discreto e suave do texto.

Ao utilizar a forma plural *cheiros* para caracterizar o sujeito *coleccionador*, a autora apresenta uma construção que permite depreender a diversidade de cheiros anunciados e

aguça a expectativa do leitor para o desdobramento de seus detalhes – que ocorre no decorrer do texto.

Outro ponto que merece ser abordado é a repetição dos termos *um cheiro de e por um cheiro de* no início dos versos (anáfora) com o propósito de intensificar os conteúdos e estruturar o ritmo do poema. Percebe-se também que a repetição da palavra *cheiro* – aparece seis vezes além da forma plural no título do poema - contribui para projetar a descrição do produto, na perspectiva de quanto mais descritivo o anúncio, maior será a probabilidade de atingir o seu objetivo.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não há dúvidas de que o conhecimento da língua do ângulo da expressividade constitui um passo fundamental para a compreensão e valoração dos textos literários. A presença da estilística nas aulas de português é da maior relevância, uma vez que desperta para maior consciência das possibilidades de expressão da nossa língua, além de motivar e tornar menos artificial o estudo da gramática.

O trabalho com textos literários humanizam e ampliam o horizonte de expectativas dos leitores, estimulando a interação e o diálogo entre a obra e o leitor. Reconhecemos que a diversidade de formas representa um desafio para qualquer formalização gramatical, mas esperamos que este trabalho forneça subsídios aos professores para auxiliá-los nas aulas de português, levando o aluno a repensar (e se encantar) com o valor da linguagem literária e suas variedades.

Acreditamos que essa aproximação contribui para o desenvolvimento da competência em leitura dos alunos e a análise estilística pode revelar o encanto das construções do texto, caracterizando um fato ou um momento, ampliando as possibilidades de interpretação. Dominar a língua, afinal, não se restringe ao domínio da gramática, mas ao domínio de seus contextos comunicativos.

## **Referências bibliográficas**

BAKHTIN, Mikhail M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

BAZERMAN, Charles. The life of genre, the life in the classroom: Bishop, Wendy & Ostrom, Hans (eds.). **Genre and writing: issues, arguments, alternatives**. Portsmouth, NH: Heinemann, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CÂMARA JR., Mattoso. **Contribuição à estilística portuguesa**, 3.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 2004.

CÂNDIDO, Antônio. **Vários escritos** – edição revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995.

ELIA, Silvio. **Orientações da linguística moderna**. 2.ed. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1978.

GUILBERT, L. **La créativité lexicale**. Paris: Larousse, 1975.

GUIRAUD, Pierre. **A estilística**. Trad. de Miguel Mailet. São Paulo: Mestre Jou, 1970.

HALLIDAY, M.A.K. **An introduction to functional grammar**. 2.ed. London: Edward Arnold, 1994.

HENRIQUES, Claudio Cezar. **Estilística e discurso: estudos produtivos sobre texto e expressividade**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2011.

KLEIMAN, A. **Oficina de leitura: teoria & prática**. 10.ed. Campinas: Pontes, 2004.

KOCH, Ingedore V. **A interação pela linguagem**. São Paulo: Contexto, 1992.

KOCH, Ingedore V.; BENTES, Anna Christina; CAVALCANTE, Mônica M. **Intertextualidade: diálogos possíveis**. Rio de Janeiro: Cortez, 2008.

LAPA, M. Rodrigues. **Estilística da língua portuguesa**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

MACHADO, J.P. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. 3.ed.Lisboa: Horizonte, 1977.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In:\_\_\_\_\_. **Gêneros textuais & ensino**. 4.ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 34-35.

MARTINS, N.S. **Introdução à estilística: a expressividade da língua portuguesa**. 4.ed.São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

MURRAY, Roseana. **Classificados poéticos**. 12.ed. Belo Horizonte: Miguilim, 1995.

NASCENTES, A. **Dicionário etimológico da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1955.

PINHEIRO, Hélder (Org.) **Poemas para crianças: reflexões, experiências, sugestões**. São Paulo: Duas Cidades, 2000.

SOLÉ, I. **Estratégias de leitura**. 6.ed. Porto Alegre: ARTMED, 1998.